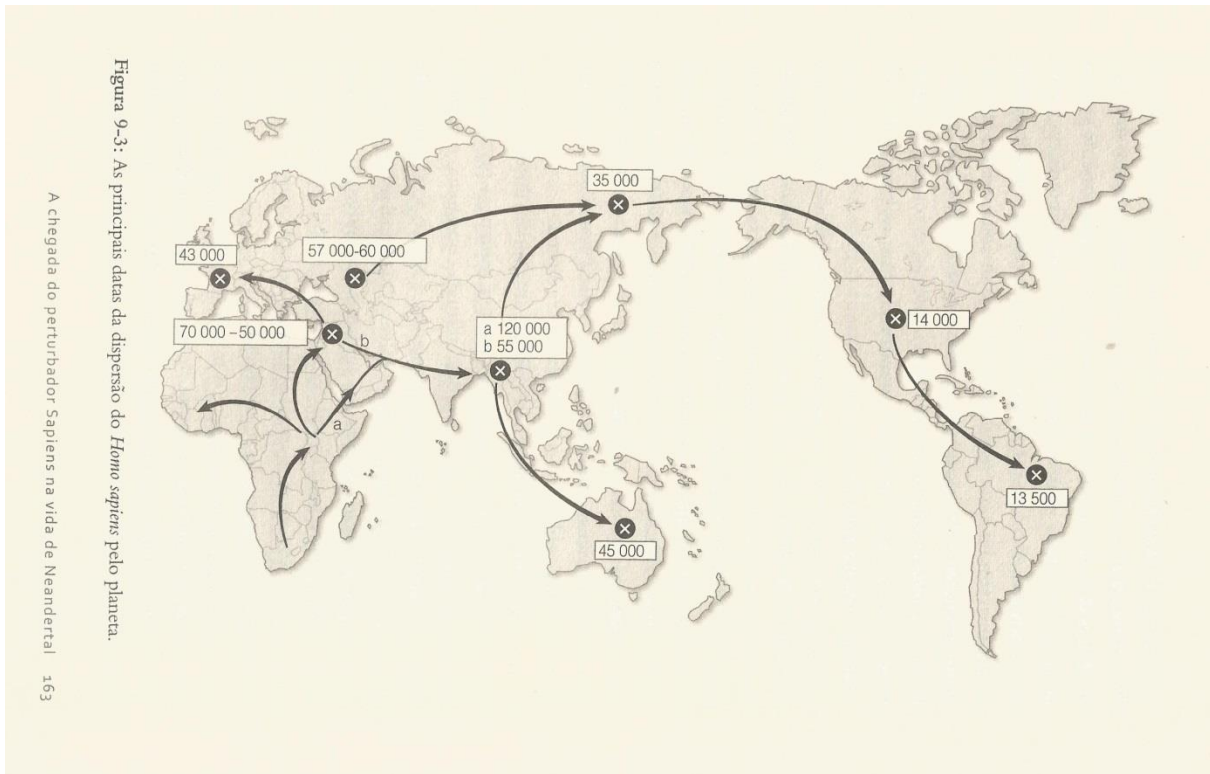


14/4/19 – Odisseia das Migrações do Gênero Homo

- 'Stonehenge da Amazônia'

[14/04 – Manfredo] Prezados vejam um mapa interessante que mostra dados sobre as rotas e as datas de dispersão no planeta de nossa espécie *Homo sapiens*, nascida na África oriental.

Acompanham algumas observações interessantes que tirei do livro que apresenta esse mapa.



©Fig9-3: As principais datas de dispersão do *Homo sapiens* pelo planeta.

(pg363 do livro “Neandertal – Nosso Irmão: Uma breve história do homem” de Silvana Condemi e François Savatier” (paleoantropóloga e jornalista científico), 2018 – Edt. Vestígio.)

Homo sapiens, originário da África, migrou em levas de várias idades por rotas indicadas no mapa esquemático. Nesta odisseia humana, ocorreram miscigenação com outras espécies *Homo*, em especial com neandertais no Oriente Próximo, Ásia e Europa (nesta, foram encontrados fósseis com características de mestiços sapiens-neandertal de 43mil a 28mil anos atrás, esta última data em que desaparecem os Neandertais). Paleogeneticistas determinaram que europeus e asiáticos compartilham, como indivíduos, de 1 a 4% de seu DNA Nuclear com DNA Nuclear neandertal, valores que podem chegar a 20% quando somando DNA's de vários indivíduos euroasiáticos diferentes. Uma das várias causas hipotéticas que podem ter provocado o desaparecimento dos nossos “avós” (?) Neandertais é de que somente os fetos da união de homem sapiens com mulher neandertal é que conseguiriam sobreviver gerando indivíduos com DNA mitocondrial mestiço; já a união de homem neandertal com mulher sapiens, não prosperaria talvez devido a produção de antígenos que produzissem aborto desses fetos que poderiam carregar os gens neandertais mitocondriais. Destacar nas rotas de “migração” do *Homo sapiens* a vinda de humanos para a América, usando a partir da Ásia o corredor de terras

emergentes expostas ao longo do arco das Aleutas durante eventos glaciais com baixa drástica do nível dos oceanos. A chegada na América do Norte se deu há cerca de 14mil anos e teve rápida dispersão atingindo a América do Sul em cerca de 500 anos com grande diversificação de culturas, algumas com grande desenvolvimento cultural como os Incas, Aztecas e Maias. Dispersos pela Amazônia ocidental existem geoglifos que são vestígios de estruturas construtivas complexas que certamente foram obra de civilização mais avançada do que à dos indígenas atuais (<http://sigep.cprm.gov.br/glossario/verbete/geoglifo.htm>).

Notar, assim, que os vários grupos culturais remanescentes desta onda “final” de propagação da Humanidade, os “nossos” indígenas é que, se cartório tivessem montado ao invés de só preservar a Natureza para uso atual do “nosso” agronegócio, hoje eles teriam o registro de propriedade de praticamente todas essas *terrae brasilis*. (e a propriedade deve ser respeitada, não?).

Manfredo Winge

Geólogo/ Prof. Aposentado (<http://mw.eco.br/zip/hp.htm>)

De: Manfredo Winge

Enviada em: quarta-feira, 14 de outubro de 2020 18:24

Para: políticos, colegas e demais

Assunto: 'Stonehenge da Amazônia'

'Stonehenge da Amazônia'

© G1.COM: <http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2017/01/misterioso-stonehenge-da-amazonia-intriga-pesquisadores-do-amapa.html>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários sites vêm sendo cancelados (“volatilizados” no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas **recomendo acessar o *link*** acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

04/01/2017 09h19 - Atualizado em 04/01/2017 09h19

Misterioso, 'Stonehenge da Amazônia' intriga pesquisadores do Amapá

Monumento semelhante a megálito inglês foi erguido no meio da selva.
Usado para funerais, local é objeto de pesquisas arqueológicas.

Abinoan Santiago

Do G1 AP



Um conjunto de grandes rochas fincadas no solo no meio da selva amazônica virou um mistério para pesquisadores amapaenses. Os estudos sobre a função do monumento construído por povos milenares em Calçoene, a 374 quilômetros de [Macapá](#), iniciaram em 2005 e ainda não se mostraram totalmente conclusivos.

Apesar de as pesquisas ainda tentarem encontrar informações que cercam o megálito - monumento formado por pedras - no meio da floresta, arqueólogos que se dedicam ao caso no Instituto Estadual de Pesquisas do [Amapá](#) (Iepa), já conseguem afirmar que ele é bastante antigo, tendo sido erguido há pelo menos 1.000 anos depois de Cristo.

A utilização dele pelos povos da região teria sido por pouco mais de 500 anos até os primeiros contatos com os europeus.

As estruturas de pedra em [Calçoene](#) estão dentro de uma área de 120 hectares que abrange um megálito maior em formato circular com outros cinco menores ao redor, e acabaram sendo chamadas de 'Stonehenge da Amazônia' em comparação ao semelhante famoso monumento megalítico inglês.

"Como pesquisadores, não gostamos muito de chamar de Stonehenge porque dá a impressão de que é uma imitação, sendo que é uma criação autêntica do povo da Amazônia", destacou o arqueólogo do Iepa João Saldanha.



'Stonehenge da Amazônia' é comparado ao da Inglaterra (Foto: Mariana Cabral/Iepa; Tahiane Stochero/G1)

A área foi descoberta pelos pesquisadores em 2005. À época, o monumento chamou a atenção e fez o governo do Amapá comprar os hectares para serem objeto de estudo de arqueólogos a fim de tornar a região uma atração turística.

Atualmente, no entanto, existe apenas uma casa próximo ao sítio que abriga os arqueólogos em pesquisa de campo e um funcionário do Iepa que faz a segurança do parque, distante 30 quilômetros da sede de Calçoene.



Urnas funerárias foram encontradas no sítio de Calçoene (Foto: Mariana Cabral/Iepa)

Durante os anos de estudos, arqueólogos descobriram que a área tem urnas funerárias enterradas com restos mortais de índios. As características das esculturas feitas em cerâmica indicaram que a região foi habitada pelo povo Arawak, que tem como descendentes os indígenas da etnia Palikur, que atualmente ocupam a fronteira entre o Amapá e a Guiana Francesa.

As urnas também indicaram que o local era usado para funerais de maneira diferente como habitualmente ocorre atualmente. Os índios tratavam o ato como uma cerimônia festiva. Itens usados para fazer cerveja artesanal estavam entre os vestígios que indicaram a tese.

"Eles [índios] passaram por todo um processo pela colonização europeia e hoje em dia não tem mais esse tipo de ritual, com urnas funerárias e construção desses centros de cerimônia. Pelo que vimos nos vestígios encontrados, o cerimonial era uma festa. Constatamos vestígios de cerâmica, que provavelmente era usada para cerveja de mandioca ou milho, além de pratos, que devem ter sido utilizados para servir alimentos", explicou João Saldanha.



João Saldanha, pesquisador do Iepa (Foto: Mariana Cabral/Iepa)

Devido a posição das pedras e buracos no meio das rochas, arqueólogos também apontam para a possibilidade de o monumento ainda ter sido usado para acompanhamento de mudanças do período de estiagem para o chuvoso, duas únicas estações meteorológicas no Amapá em razão da linha do Equador.

Os estudos no 'Stonehenge da Amazônia' não pararam e pretendem descobrir respostas a questões que ainda cercam o monumento, a exemplo de como ocorreu a construção do sítio a partir do transporte de rochas e posicionamento preciso no solo em meio ao tamanho e peso gigantesco delas, além de como funcionava o trabalho braçal dos povos indígenas milenares para a criação do lugar.

Enquanto os pesquisadores buscam responder às perguntas pelo meio científico, a recente descoberta de urnas funerárias na área acabou virando um motivo a mais para lendas de moradores da região, que dizem perceber vultos e ouvir vozes supostamente indígenas.

"Existem lendas, como fantasmas, luzes, mas passamos muito tempo por lá e nunca vimos nada. Um sítio desse tipo chama muita atenção e as pessoas acabam interpretando de maneira um pouco exagerada", comentou o arqueólogo João Saldanha.



Lugar seria usado para rituais funerários em Calçoene (Foto: Mariana Cabral/Iepa)



Pesquisas em sítio de Calçoene continuam (Foto: Mariana Cabral/Iepa)

Comentários & Réplicas

Observações:

Teria essa cultura algo a ver com a dos GEOGLIFOS, ou dos MAIAS (<http://sigep.cprm.gov.br/glossario/verbete/geoglifo.htm>)?

Manfredo Winge - <http://mw.eco.br/zip/hp.htm> [confraria democrática do bom senso]

Webmaster: [1º SITE do IG/UnB](#)

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (*foi-me enviado por e-mail*)

Comentários (whatsapp)

[14/10 7:01 PM] Danni: Manfredo, Vi de imediato que aquele monolito com um furo é na realidade uma escultura, ainda que rudimentar da cara de uma pessoa vista de perfil.

O buraco é o olho veja a testa, o nariz e a boca.

[14/10 9:02 PM] Manfredo Winge: Stonehenge, Ilha da Páscoa, maias, cultura em Calçoene/AP, os geoglifos do AM, os índios Crixás em GO,... "ondas" evolutivas ?

0-0-0-0-0-0

Voltar para [Whatsapp Pickles](#) Ir para o [SITE](#)